

A reforma da ONU

NOVA DÉLI — Na declaração política conjunta que o Brasil e a Índia vão assinar no sábado, no fim da visita do presidente Fernando Henrique, estará claramente explicitado o apelo dos dois países pela reforma da Organização das Nações Unidas. A questão principal é a ampliação do Conselho de Segurança, cuja representatividade — que, 50 anos depois de sua instalação, ainda reflete o mapa geopolítico do fim da Segunda Guerra Mundial — é contestada pelas nações que adquiriram importância, de lá para cá, ainda que restrita às suas respectivas regiões.

De acordo com o presidente, formalmente o Brasil não reivindica uma vaga, embora este seja um desejo claro. "Não temos nenhuma candidatura posta nem pretensões à hegemonia, sobretudo regional", disse Fernando Henrique, ao assegurar que, no momento, o mais importante é que os países em desenvolvimento lutem por uma "representação mais democrática" na ONU. Obviamente, aí está inserida a questão do Conselho de Segurança.

Emergentes — Brasil e Índia têm diferentes posturas em relação ao assento no Conselho. Enquanto o país asiático reivindica abertamente uma vaga, o Brasil adota a estratégia de defender a presença de nações emergentes. A divergência pode parecer sutil, mas é fundamental, uma vez que ao Brasil não

interessa aparecer na condição de competidor. "Não estamos com o espírito da disputa", afirmou o presidente brasileiro.

Sêmen bovino — Segundo Fernando Henrique, países com lideranças regionais, de grande extensão e com problemas sociais e econômicos semelhantes — como Brasil, Índia, China e Rússia — devem realizar ações conjuntas, em busca de soluções para a pobreza, a má distribuição de renda, os desequilíbrios regionais e de educação, além de carências na área das relações comerciais e do desenvolvimento científico e tecnológico. Junto com a declaração política, serão assinados outros atos. Entre os de maior importância, está o acordo para acabar com o contrabando de sêmen bovino da Índia para o Brasil.

Os indianos têm o maior rebanho de zebus do mundo e 76% do rebanho bovino brasileiro também é composto da mesma raça. Como existe a necessidade de renovação do estoque de sêmen, o material tem entrado no Brasil sem controle sanitário, muitas vezes em garrafas térmicas — que permitem a conservação em baixa temperatura —, dentro de bagagens de mão. O contrabando acaba resultando na disseminação de febre aftosa e o acordo que será assinado prevê a seleção de exportadores para acabar com o problema. (D.K.)